

Mariane Barbosa de Araújo
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: marianebaraujo@outlook.com
ORCID: 0000-0003-1879-9458

Maria Benegelania Pinto
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: maria.benegelania@ufpe.br
ORCID: 0000-0002-4333-5439

Élida Karine Pereira de Lima
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: elida.karine@ufpe.br
ORCID: 0000-0002-5231-5771

Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: profmarclineide@gmail.com
ORCID: 0000-0002-1911-6017

Valesca Patriota de Souza
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: valesca.souza@ufpe.br
ORCID: 0000-0002-2909-9409

José Flávio de Lima Castro
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: flavio.lcastro@ufpe.br
ORCID: 0000-0002-4755-8947

A ESCOLA E O MUNDO GLOBALIZADO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DA EJA

RESUMO

Objetivo: Analisar as concepções de professores da Educação de Jovens e Adultos sobre a influência de um mundo globalizado na escola e sociedade e identificar como esses performam enfrentamentos aos desafios demandados. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, ancorada na Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas com cinco professores da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal no interior de Pernambuco. Os dados foram analisados através da Análise de Discurso Textualmente Orientada. **Resultados:** A análise dos resultados permitiu a identificação de 3 categorias temáticas: Ser professor da EJA num mundo globalizado: desafios e potencialidades; Ser professor da EJA em tempos de pandemia: o desafio do ensino remoto; A EJA como ferramenta de transformação social: perspectivas de professores. **Considerações finais:** Diante das falas dos professores da EJA foi possível identificar as influências que o mundo globalizado requer dos atores da comunidade escolar. Demonstaram que os desafios que enfrentam ao exercer a docência na EJA, incluem o menor tempo em sala de aula, além da constante evasão escolar presente na EJA causadas principalmente pelas condições socioeconômicas que assolam os estudantes, em meio a uma modalidade de ensino que é pouco valorizada pelas políticas públicas e esteve constantemente ameaçada em sua permanência. Reiteram a transformação social que a EJA constitui aos atores envolvidos, onde os professores reconhecem a relevância de introduzir estes estudantes ao meio social, mas de forma que expressem suas necessidades e que sejam atores da comunidade, agindo de forma crítica. **Palavras-chave:** Globalização. Estudantes. Educação. Professores. Jovens.

SCHOOL AND THE GLOBALIZED WORLD: PERSPECTIVES OF EJA TEACHERS

ABSTRACT

Objective: Analyze the conceptions of Youth and Adult Education teachers about the influence of a globalized world on school and society and identify how these perform facing the required challenges. **Methodology:** Qualitative research, anchored in Norman Fairclough's Social Theory of Discourse. Data collection was carried out through interviews with five teachers of Youth and Adult Education from a municipal school in the interior of Pernambuco. Data were analyzed using Textually

Oriented Discourse Analysis. Results: The analysis of the results allowed the identification of 3 thematic categories: Being an EJA teacher in a globalized world: challenges and potential; Being an EJA teacher in times of pandemic: the challenge of remote teaching; EJA as a tool for social transformation: teachers' perspectives. Final considerations: Based on the speeches of the EJA teachers, it was possible to identify the influences that the globalized world requires from the actors in the school community. They demonstrate that the challenges they face when teaching at EJA include less time in the classroom, in addition to the constant school dropout present at EJA, mainly caused by the

1. INTRODUÇÃO

A primeira representação discursiva sobre a escola sempre esteve associada a um local para aquisição de conhecimento e acesso à educação. No entanto, com o passar do tempo sua representação tem se ressignificado mostrando seu importante papel como espaço social, onde os sujeitos constroem relações sociais e modelam sua consciência crítica, podendo assim se apropriar do poder de transformar realidades. (Moraes, Araújo & Negreiro, 2020).

É no contexto da escola que os atores desenvolvem sua capacidade de conviver com as diferenças e se adaptar às novas realidades, competências fundamentais para a formação humana e boas relações sociais. Nessa perspectiva, os atores da comunidade escolar passam por um impasse dentro do ambiente escolar, onde por um lado busca-se por transformação social através do desenvolvimento da criticidade, e por outro, uma constância e pseudodesenvolvimento humano proposto pelo mundo globalizado (Barros, Ciseski & Silva, 2018).

Diante dessas demandas, com expressivo desenvolvimento tecnológico dos meios de informação e comunicação, proporcionados pelo processo de globalização, percebe-se uma mudança nos requisitos dos modelos profissionais de forma que interferem na relação entre sujeito e

socioeconômicas condições que plagam os estudantes, em uma modalidade de ensino que é pouco valorizada pelas políticas públicas e constantemente ameaçada em sua permanência. Eles reiteram a transformação social que a EJA constitui para os atores envolvidos, onde os professores reconhecem a importância de introduzir esses estudantes no ambiente social, mas de uma maneira que eles expressem suas necessidades e que eles sejam atores na comunidade, agindo de maneira crítica.

Palavras-chave: Globalização. Estudantes. Educação. Professor. Juventude..

sociedade. Em suma, essas mudanças têm afetado o ambiente escolar (Barros, Ciseski & Silva, 2018).

A globalização impõe um novo mandato aos países, em nome de vantagens competitivas e combate à crise, que remodelam seus sistemas de ensino e de formação, sendo avaliada segundo padrões internacionais, exige assim que a educação se renda à cultura de performatividade sistêmica, fazendo com que o ambiente educacional antes baseado em discursos de bem comum e serviço público, torne-se um ambiente que fomente e produza a competitividade (Estêvão, 2009).

Assim, apesar dos pontos positivos que a globalização pode trazer para a escola, em conjunto, outras características de caráter negativo, também a acometem. Ao passo em que estas interferências na forma de fazer educação atingem todos os formatos e modelos de ensino, e modificando as necessidades que serão prezadas para trazer para os alunos, a Educação de jovens e adultos (EJA), também é afetada, se faz ambiente para a manifestação das suas multifacetadas características.

A EJA surgiu como uma maneira de ressarir uma dívida com a população e pela necessidade de ingressar esses jovens no mercado de trabalho. Dessa forma, desenvolve um papel

fundamental na vida destes estudantes, pois é a oportunidade que muitos têm de regularizar sua educação formal e ascender socialmente. Suas turmas são frequentadas por um público bastante diversificado, o que pode dificultar a percepção de suas particularidades. Entretanto, o retorno desses jovens e adultos à escola promove a educação, a oportunidade de uma vida pessoal e profissional melhor, além de proporcionar a busca pelo conhecimento e cultura, fatos que geram transformação social (Gouveia & Silva, 2015).

É ainda importante ressaltar que os estudantes da EJA precisam enfrentar diversos fatores internos e externos para lutar contra a desigualdade social e permanecerem na escola, visto que a condição social destes pode impedi-los de concluir a escolarização. Essa é a razão pela qual esses sujeitos constroem conhecimentos práticos, considerados ilegítimos, por não se encaixarem nas redes de formação, o que na verdade é contraditório, tendo em vista que estes conhecimentos podem se apresentar de caráter interpretativo e partem de uma capacidade de criticidade da realidade (Moura & Ventura, 2018).

Nesse contexto, faz-se necessário então compreender quais as concepções de professores da EJA sobre a influência da globalização no âmbito escolar e na sociedade, e como enfrentam as demandas sociais advindas do processo de globalização. Nesse sentido, o estudo objetivou analisar as concepções de professores da Educação de Jovens e Adultos sobre a influência de um mundo globalizado na escola e sociedade e identificar como esses performam enfrentamentos aos desafios demandados.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo. O caráter de pesquisa escolhido permite adentrar as questões levantadas dentro da escola, a fim de entender e ampliar a compreensão sobre o fenômeno globalização na mesma. O estudo refere-se a um recorte da pesquisa guarda-chuva intitulada "A escola e sua interface com o mundo globalizado: desafios, enfrentamentos e perspectivas pela comunidade escolar e gestores". Foi realizado numa escola municipal do interior de Pernambuco, durante o período de julho a setembro de 2021. Participaram do estudo 5 professores das turmas da Educação de Jovens e Adultos. Como critério de inclusão, eles deveriam estar em pleno exercício de suas funções profissionais e apresentar o tempo mínimo de 6 meses de vínculo institucional. Foram excluídos aqueles que se encontravam de férias ou de licença.

A coleta de dados ocorreu de forma remota devido a pandemia pelo Sars-Cov-19 e iniciou-se após parecer favorável do Comitê de ética do Centro Acadêmico de Vitória, da Universidade Federal de Pernambuco nº 24051519.1.0000.9430. A aproximação com os professores foi realizada através do aplicativo de mensagens WhatsApp, mediados pela coordenação pedagógica da EJA, a partir do qual os professores foram convidados a participar da pesquisa, através de entrevista pelo formato virtual, as quais foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

Para a realização das entrevistas se construiu um roteiro semiestruturado com perguntas que versavam sobre a temática, realizadas virtualmente através da plataforma Google Meet. Cada entrevista durou em média 30 minutos, estas foram gravadas e transcritas na íntegra posteriormente. Para manter a privacidade dos professores, elegeu-se a letra "P" de professor,

para identificá-los, seguido pelo número que indica a ordem em que a entrevista foi realizada.

A análise dos dados ocorreu através da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), conforme proposto por Norman Fairclough, ancorada na sua Teoria Social do Discurso. Na sua proposta, a ADTO, analisa o discurso como prática social, considerando seus efeitos sobre as relações sociais, ações, interações com as pessoas e o mundo material, bem como identifica as relações particulares de dominação e exploração a fim de entender e dar embasamento científico em estudos que busquem comprovar a manutenção e /ou instauração de problemas sociais através do discurso. Através da análise do discurso é possível identificar quais relações de poder e como estas interferem na vida dos sujeitos pesquisados, a fim de reconhecer se o discurso auxilia para manter ou mudar identidades, conhecimentos, crenças, atitudes e valores e de que forma estão sendo concretizados através das práticas sociais. (Ramalho & Resende, 2011).

A operacionalização da análise se deu através de três etapas. Na primeira etapa todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, conforme a fala dos participantes; na segunda etapa todas as entrevistas foram lidas e relidas cuidadosamente e então foram realizados grifos com a ferramenta de marcadores de texto do Word® para destacar a recorrência de temas presentes no texto, posteriormente organizadas em categorias através das recorrências temáticas. Na última etapa foram identificados os discursos presentes nas falas dos participantes, procedendo à análise crítica, a fim de proporem novas construções discursivas para o processo de superação das problemáticas identificadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 5 professores que participaram da pesquisa, 2 eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com média de idade em torno de 42 anos. A maioria possuíam mais de 8 anos de formação, com mestrado concluídos ou em andamento, todos apresentavam mais de 5 anos de experiência com a docência na Educação de Jovens e Adultos.

A análise dos resultados permitiu a identificação de 3 categorias temáticas: Ser professor da EJA num mundo globalizado: desafios e potencialidades; Ser professor da EJA em tempos de pandemia: o desafio do ensino remoto; A EJA como ferramenta de transformação social: perspectivas de professores.

Ser professor da EJA num mundo globalizado: desafios e potencialidades

Nessa categoria os discursos identificados nas falas dos participantes dizem respeito principalmente à construção simbólica do papel da escola como espaço para formação cidadã, demonstrando assim a capacidade de criticidades dos professores, o que nos permite inferir que a EJA têm sido espaço para formação crítica e cidadã.

As falas dos professores da EJA destacam a importância da atuação nesta modalidade de ensino e apontam as principais características positivas, incluindo as peculiaridades que podem surgir devido ao seu público diferenciado e heterogêneo. Os participantes em sua maioria, tendem a mencionar o potencial de transformação da EJA na vida dos estudantes como parte das compensações quanto sua atuação como docente, bem como, para a realização profissional dos

mesmos diante da mudança que essas novas percepções e construções possibilitam.

[...] é algo bem gratificante, porque a gente consegue transformar, mesmo que minimamente a vida de pessoas que estavam a muito tempo sem estudar, com dificuldade devido a defasagem da série ou problemas pessoais estão agora voltando aí, buscando novos rumos pra sua vida né, buscando se reconectar com esse processo de construção de conhecimento [...] (P1)

[...] o que compensa é o reconhecimento, aquele olhar, daquele aluno quando ele muda, quando ele enxerga, quando ele percebe único. É a mesma alegria de quando ele começa a ler, é a mesma alegria quando ele percebe coisas da vida dele que não ele tinha percebido, uma nova leitura, isso é muito bom, isso é muito compensador. [...]. (P3)

Em contrapartida, os principais desafios apontados pelos participantes levantam a questão do tempo em sala de aula oferecido para realização das atividades, bem como a falta de aprofundamento dos temas e conteúdos programáticos, em decorrência.

[...] por mais que a gente queira sentar e fazer o currículo com a nossa cara, uma forma metodológica com nosso jeito, a gente sempre é impedido por causa de quem? O tempo, porque aqui infelizmente a educação brasileira primeiro quantidade versus qualidade, não se acredita no trabalho com independência [...]. (P3)

[...] geralmente o que é na escola oferecido pra gente é o seguinte: é o horário e você ensina o que você quiser, do jeito que você quiser, mas eu não quero que você falte, é basicamente isso, infelizmente [...]. (P5)

Essa problemática pode ser atribuída também ao caráter de celeridade, próprio da EJA,

onde há uma seleção dos conteúdos que causa uma fragmentação no ensino, por vezes impedindo do professor oferecer uma visão mais ampla e completa de determinados assuntos, como consequência alguns levam vantagem sobre outros (Gouveia & Silva, 2015). Entretanto, tal condição não deveria se interpor como condição para impedir uma formação fundada na ciência e que atenda as necessidades de transformação social.

Outros desafios presentes na fala dos professores, dizem respeito a dificuldade de manter uma frequência constante dos estudantes nas aulas, bem como sua permanência no curso. Tais dificuldades podem ser atribuídas a falta de gestão da motivação dos mesmos, o que pode repercutir na falta de atenção e indisciplina durante a realização de atividades e na evasão do curso.

[...] inúmeros desafios, principalmente motivacional pra que a gente possa ter esse tipo de desempenho com os alunos né, porque eles sentem uma carência muito grande de incentivo [...] as perdas que a gente tem ao longo do ano, alunos que deixam a escola principalmente porque algumas mulheres engravidam, outros porque às vezes, como já houve muitos casos que morreram ou foram presos [...]. (P5)

Algumas vezes, as causas para evasão escolar ancoram-se em questões sociais, entre elas a exposição à situação de pobreza, a responsabilidade de ajudar ou ser o principal provedor da renda da família, a gravidez precoce, além de necessidades tecnológicas e até mesmo questões geográficas (Barros, Ciseski & Silva, 2018).

Mesmo após décadas do surgimento da EJA e de sua concretização nos meios escolares, é possível identificar a necessidade dos professores desta categoria reforçarem o discurso da

permanência da mesma, devido a ausência constante de políticas e incentivos para seu fortalecimento. Esse fato também é pautado nas falas dos participantes:

[...] desse terrorismo que se faz de fechar a EJA, fechar a EJA. Por que fechar? Por que tirar o direito, o espaço dessa pessoa que teve dificuldades, porque se eu não consegui concluir o meu estudo no período regulamentar, é porque alguma coisa houve, uma ausência do estado houve pra me impedir de estudar [...]. (P3)

Ao analisar a EJA durante os anos e as políticas públicas que a nortearam, por diversas vezes a educação de adultos foi vinculada única e exclusivamente como educação para formar trabalhadores, e após anos de discussões e debates sobre o direito de acesso à educação dos mesmos, a EJA se torna então meio para democratizar a educação sendo esse movimento impulsionado pela necessidade de renovação pedagógica do país. Esta modalidade de ensino sofreu a revelia do descaso do poder público há anos. Não se concebe justificar a evasão dos estudantes como condição para acabar com a EJA, é preciso, entretanto, repensar metodologias mais ativas, formação qualificada dos professores, assim como valorização salarial e melhoria das condições de trabalho nas escolas (Xavier, 2019).

Diante destes impasses a necessidade de adequar e reformular metodologias para que se consiga atender as necessidades dos estudantes, sobretudo, porque as turmas da EJA se constituem por um público diversificado, se faz uma questão prioritária um olhar mais criterioso e mais sensível às individualidades.

[...] é desafiador porque é um público diferenciado, você precisa ter um olhar mais humano, um olhar mais cuidadoso, estar mais

atento às propostas que vai desenvolver, o que vai propor pra eles, porque são muitas realidades. Se uma turma regular é heterogênea, uma turma de EJA é ainda mais, então nosso olhar ele precisa ser mais criterioso e pensar sim em cada aluno como sujeito único, singular e a sala como algo múltiplo e muito diverso [...]. (P1)

Sendo assim é imprescindível que as práticas pedagógicas propostas abarque a construção de novos saberes de forma flexível, diferenciada, levando sempre em consideração o contexto e as experiências pessoais dos sujeitos envolvidos, a fim de que haja o aprimoramento do currículo onde os assuntos consigam realizar conexões entre a sociedade e a cultura, de forma a acolher a pluralidade que se constituem as turmas da EJA (Filho, Cassol & Amorim, 2021).

Ser professor da EJA em tempos de pandemia: o desafio do ensino remoto

Devido ao contexto de pandemia, a temática do ensino remoto e seus desafios permeou a fala de todos os participantes, evidenciando entre outros pontos a ausência de fronteiras no mundo globalizado.

A análise mostrou como desafios do ensino remoto na EJA entre outros: a necessidade da escola adaptar-se rapidamente a nova modalidade de ensino e as desigualdades sociais que impede o acesso de estudantes a bens tecnológicos, como computador e internet, o que intensificou o processo de evasão dos estudantes; o distanciamento social, que fragilizou ainda mais pontos como aprendizado, motivação e frequência de participação nas aulas e sobretudo o aumento da carga de trabalho dos professores.

Os professores da EJA puderam perceber a carência de formação que as novas formas de ensino ancoradas às tecnologias digitais exigem, isto porque a escola ainda estava num estágio inicial e demorado de implantação dessas ferramentas no ensino da EJA, porém o novo cenário impõe urgência ao aperfeiçoamento do uso das mesmas.

[...] acho que a pandemia, no caso ela forçou isso né, isso na verdade era um movimento natural que já vinha surgindo cada vez mais, a educação se tornar mais atualizada né com a tecnologia, mas a pandemia ele forçou né a educação dar esse salto, que talvez demorasse alguns anos a mais né, mas por conta desse salto assim de imediato e meio que pegou um pouco a escola e a educação de forma geral de surpresa [...]. (P4)

O estudo de Baldes (2021) corrobora com este achado, quando aponta que a escola se vê frente a um “desconforto” advindo da nova forma de ensino remoto, em que escola e professores precisam confrontar o ensino tradicional e aprender a lidar com novos métodos que incluam esse aparato de tecnologias. Portanto, esse “desconforto” fala diretamente com a necessidade de modernizar a escola, algo que já estava em agenda, mas num processo extremamente lento.

Outro ponto importante ressaltado nas falas dos professores se refere ao impacto que as mídias sociais/digitais realizaram na quantidade e qualidade das informações que os estudantes recebem, gerando uma dinâmica de rápido compartilhamento de diversos tipos de conteúdos. É relevante ressaltar que não somente as mídias sociais/digitais, como a tecnologia requereram a transformação do papel do professor, no sentido de que estes façam a mediação entre os conteúdos e

informações recebidas, a fim de sensibilizar os estudantes para o que pode ser relevante ou não, bem como para a veracidade das informações acessadas.

[...] e o professor precisa estar atento, não apenas para oferecer, pra proporcionar o momento de aprendizagem, pelas mídias digitais, mas pra também desenvolver a criticidade nos seus estudantes. Pra que eles consigam aí fazer o processo de curadoria adequadamente, que eles consigam ter a criticidade adequada pra usar as ferramentas digitais [...]. (P1)

[...] com tanta informação adicional, vinda de todas as direções, será que o papel da escola, o papel do professor de maneira geral, ele se verá diminuído? Porque as pessoas vão ter tanto acesso a informação, será que isso vai afetar nesse sentido? E a resposta é exatamente o contrário, eu acho que faz falta sim, tem que ter alguém que organize essas informações né, porque na mesma frase que se diz há muita informação se deduz logicamente que muitas dessas informações aí não são boas, não são exatas, falta organizar, falta arrumar [...]. (P4)

As mídias digitais desempenham importante papel na docência, pois vincula conhecimento e informações de forma rápida ao mesmo tempo pode promover a criticidade e colaborar para a autonomia do estudante. Por outro lado é necessário que o professor realize a mediação das informações para que sejam consideráveis à construção do conhecimento, de forma a estimular o estudante a delinear suas próprias concepções, e conseguir utilizar adequadamente as mídias, a fim de interferir positivamente em sua vida. Nesse sentido, a inclusão digital dos estudantes requer que os professores estejam capacitados e dispostos a

aprender junto com eles (Barros, Ciseski & Silva, 2018).

Diante das mudanças que foram impostas a escola, o professor assume a necessidade de dominar as novas tecnologias e remodelar as metodologias de ensino, a fim de que o estudante obtenha maior desempenho e que este se veja captado pela aula, como as mídias sociais fazem com seus usuários. Quando não há esta adaptação se evidencia então uma certa insatisfação por parte dos alunos, visto que a escola em seus moldes tradicionais se contrapõe à dinamicidade presente nas redes e mídias (Baldes, 2021).

Outro ponto fortemente atribuído como negativo foi o distanciamento social, neste sentido as falas dos professores demonstraram insatisfação com a falta de contato direto com os estudantes, apontando a importância que a sala de aula exerce ao ser o meio principal de aproximação entre professores e estudantes. Além disso, o ensino não presencial retira a experiência humana de contato social que promove a construção de relações, e desta forma se perde a percepção das necessidades dos estudantes, bem como, reitera a evasão escolar.

[...] a qualidade acho que caiu bastante né, que nós não temos aquela presença, presença de olhar no olho do aluno, muito importante, a gente percebe olhando pra ele se ele tá compreendendo o que a gente tá falando ou não né, aí remotamente fica complicado a gente fazer isso né. E também a participação dele, pelo menos nas minhas turmas de EJA, a maioria não tá participando das atividades né, são poucos que estão participando das atividades [...]. (P2)

[...] a gente na sala de aula o aluno se aproxima, ele tira alguma dúvida, ele busca um pouco mais, até a timidez dele às vezes a gente consegue trabalhar. Online às vezes não é tão fácil

fazer isso, e principalmente uma das coisas que me deixa muito frustrado às vezes no momento é ver a quantidade de pessoas que simplesmente dizem que vão desistir, por mais que você insista [...]. (P5)

Vieira e Ricci (2020) apontam a importância da presença do professor diante da modernização dos meios metodológicos utilizados. Especialmente na pandemia, porque as relações são essenciais para o processo de aprendizagem, e é no ambiente escolar que se torna propício o desenvolvimento da autonomia, ao passo em que influencia a adaptação e convivência em coletivo, desta forma os atores da comunidade escolar aprendem conjuntamente e trocam experiências fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido Cavalcante, Machado, Farias, Pereira e Silva (2020) reitera que o convívio é de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem, onde a integralidade do conhecimento deve ser alcançada através da compreensão das diversidades do meio para que estes se vejam como transformadores sociais.

O ensino remoto também adicionou a rotinas dos professores da EJA trabalho não remunerado e sobrecarga de atividades, com a análise adicional de conteúdos para aulas e construção de material didático.

[...] eu tinha meu número privado, agora eu não tenho mais, então atendo de manhã, a tarde, noite, de madrugada [...] os horários de preparar material e colocar na plataforma e é muito mais material. Esse processo de curadoria do professor tem que ser mais aguçado, mais criterioso porque você não está lá na sala de aula pra dialogar sobre aquilo todos os dias. Você tem aquele tempo online e precisa se fazer entender naquele tempo né, esclarecer as dúvidas do aluno [...]. (P1)

Neste sentido Barbosa, Viegas e Batista (2020) apontam que devido ao novo modelo de ensino instaurado houve uma sobrecarga de horas de trabalho dedicadas pelo professor para desenvolver os materiais que serão disponibilizados, bem como a necessidade de formação continuada para dominar as novas ferramentas tecnológicas e dessa forma contribuem para o aumento da carga horária.

Neste contexto, a comunidade escolar ao encarar a situação de vulnerabilidade dos estudantes se viu na necessidade de enfrentar os desafios na tentativa de capilarizar o acesso à educação, levando em consideração que a pandemia limitou as possibilidades de atuação dos professores, e a restrição ao ensino apenas de forma remota tornou o acesso pouco palpável e injusto, até mesmo fora da realidade de alguns.

[...] para aqueles que não tem acesso a internet ou algum problema aí é impresso o material né, o material impresso você entrega ou eles vem até a escola e pegam [...]. (P2)

[...] não é tão fácil pra maioria dos alunos terem uma boa conexão [...] quando a gente faz uma videoconferência, muitas vezes eles não podem acompanhar direito, porque tem crianças, porque tem adultos atrapalhando [...]. (P5)

Essas dificuldades são expostas particularmente pela situação social que os alunos da EJA se encontram, a dificuldade do acesso à internet, a falta de espaço adequado para estudo, são reflexo das desigualdades sociais e econômicas, decorrentes do processo de globalização e que em situação de pandemia são ainda mais aprofundadas, além de produzir novas relações de poder (Cataia, 2020).

Por outro lado, independente do formato em que a escola se apresenta, remotamente ou

presencialmente, está assume o papel de transformar socialmente a vida dos atores envolvidos. Diante das características específicas que englobam a EJA é possível perceber a importância deste papel na construção de uma visão crítica sobre a realidade, visto que, ao identificar suas condições socioeconômicas, os estudantes da EJA concretizam por meio da educação sua possibilidade de almejar melhores condições e viabilizar o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. É nesta perspectiva que os professores demonstram sua sensibilização ao atribuírem à escola a sua importância como meio de promover transformação social.

A EJA como ferramenta para transformação social: perspectivas de professores

Nessa categoria as falas são permeadas pelo discurso que representa a escola como ferramenta de transformação social, independente do formato em que as atividades assumam, seja remoto ou presencial.

Para além da escola como promotora de conhecimento, os professores da EJA realçam a importância da construção social que a escola pode oferecer. Nesse sentido, as falas dos participantes são permeadas de inquietações e problematizações sobre os assuntos pertinentes ao desenvolvimento da criticidade do aluno. Apesar de referenciar algumas limitações da EJA, os professores demonstram a necessidade de motivar os estudantes sobre as possibilidades que a formação poderá trazer para suas vidas, seja através de projetos escolares e do uso de sua área de ensino para enfatizar tais questões.

[...] a escola é esse espaço de debater, de refletir sobre essas demandas, pra que os alunos tenham uma visão holística da situação e que enxerguem a diversidade e que enxerguem isso não como um problema, mas que eles consigam respeitar uns aos outros, as realidades que são diferenciadas. E compreender que somos sujeitos múltiplos né [...]. (P1)

[...] uma das maiores felicidades é quando eu consigo enxergar o interesse deles na leitura, vendo que eles evoluíram, que despertaram o senso crítico, que não aceitam as coisas da forma como elas vêm, eles tentam modificar de algum modo [...]. (P5)

Filho, Cassol e Amorim (2021) atentam para a necessidade de mudanças nas instituições escolares com o intuito de que tomem o compromisso de promover a reflexão, baseando-se no papel social, educacional e político que a escola possui, visto que para os alunos esta consolida a busca pela consciência social e para enfrentamento de diversidades.

Assim, aponta Miranda e Fonseca (2017) que há a necessidade de que as metodologias propostas promovam a reflexão dos estudantes, para que o conjunto de recursos pedagógicos do professor se torne mais amplo e desta maneira promova o desenvolvimento da aprendizagem de forma mais integral, a partir de conexões com as necessidades e ânsias de seus estudantes.

O meio que a escola e os professores encontram para proporcionar a viabilização do levantamento de questões e a necessidade de colocarem em prática a reflexão, têm se dado através das atividades escolares realizadas em sala de aula ou em forma de projetos, tendo em vista que estes englobam uma massa maior de estudantes

e o tema a ser discutido pode ser trabalhado durante um período de tempo maior.

[...]os projetos interdisciplinares são um caminho que a escola encontra pra refletir nas diversas áreas com os estudantes e assim fazer esse processo de construção de consciência crítica [...]. (P1)

Mas de outro ponto de vista, quando a escola se faz ausente e não insere discussões e problematizações nos conteúdos programáticos tem sido um trabalho particular de cada professor, como problematiza a fala do entrevistado:

[...] mas o aluno principalmente da EJA, são pessoas que já passaram dos 16 anos e então são pessoas que tem na cabeça a informação bem mais elevada do que crianças, então dá pra se trabalhar sim bem, porém isso novamente eu digo pra você é um trabalho individual, não é um trabalho, não é um projeto de trabalho da escola, principalmente as questões dos gêneros [...]. (P5)

Neste sentido, o estudo de Pinto e Silva (2019) aponta que a realização de projetos dentro das escolas são favoráveis para a ampliação da discussão de questões que envolvem a escola e a comunidade que está inserida, além de introduzir a família neste contexto e viabilizar autonomia aos atores envolvidos, bem como incentivar a participação social dentro da escola.

Por outra perspectiva, Vieira e Vicci (2020) sinalizam que no contexto de pandemia é imprescindível que a escola flexibilize suas ações, em que os projetos sejam adaptados à nova realidade, onde o isolamento e a vivência de uma pandemia fomentem a viabilização da aprendizagem, levando em consideração que devido a situação os assuntos não devem ser trabalhados da mesma forma como em sala de aula, necessitando de adaptações.

Cabe aqui destacar a relevância que a atuação em sala utilizando dos meios disponíveis e tornando a própria matéria recurso para fortalecer os debates e o desenvolvimento da criticidade, provendo-o de forma integral e trazendo-o para a “normalidade” da rotina, além de reforçar a particularidade de cada professor e sua responsabilização na busca pela autonomia crítica do aluno, como visto na fala dos mesmos:

[...] os gêneros textuais, os mais diversos estão aí pra nós dar esse suporte né, principalmente na aula de língua portuguesa, pra ler, debater, refletir, construir uma consciência crítica, produzir texto, argumentar e assim a gente vai mudando os sujeito né verdade [...]. (P1)

[...] uma das coisas que a gente intensifica é justamente esse espaço de autonomia, espaço de dar voz, porque a gente tem que buscar resgatar a história daquele aluno, a gente tem que tratar ele como pessoa e plantar sonhos, fazer com que ele relate o que ele quer, o que espera da vida e fazer com que ele acredite que vai acontecer [...]. (P3)

Desta forma, os professores da EJA demonstram incitar o ambiente escolar como espaço para produção de novas perspectivas, além de compactuar com a necessidade de devolver a credibilidade para as expectativas dos estudantes, para que diante das problemáticas que surgirem estes possam atuar de forma crítica e consciente.

À vista disso, os espaços escolares devem incentivar e fortalecer a autoestima dos alunos a fim de que estes tenham consciência espacial do lugar que ocupam na sociedade, neste caminho é importante que o aluno seja visto de forma única e que recebem tratamento diferenciado, mas não exclusivo, para progredir de forma pedagógica e humanizada (Filho, Cassol & Amorim, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das falas dos professores da EJA foi possível identificar as influências que o mundo globalizado requer dos atores da comunidade escolar. Em primeiro lugar, demonstram que os desafios que enfrentam ao exercer a docência na EJA, incluem o menor tempo em sala de aula acarretando em um currículo com empecilhos e menor sensibilidade, além da constante evasão escolar presente na EJA causadas principalmente pelas condições socioeconômicas que assolam os estudantes, em meio a uma modalidade de ensino que é pouco valorizada pelas políticas públicas e esteve constantemente ameaçada em sua permanência. Por outro lado, as potencialidades foram fortemente destacadas, ao passo em que os professores se fortalecem da gratificação que é observada em seus estudantes ao compreenderem a vida de outra forma e do reconhecimento que é fazer parte de uma modalidade de ensino com alto potencial transformador.

É possível ainda destacar as novas demandas que foram introduzidas devido ao contexto de pandemia, que fazem do ensino remoto a possibilidade de levar a educação mesmo em tempos de isolamento social, o ponto é que a característica heterogênea que constitui a EJA exigem dos professores a capacidade de adentrar ao mundo digital e as mídias sociais, além de necessitar que estes sejam mediadores das informações, a fim de que filtrem o que seja relevante para a formação dos estudantes. O desafio maior nesta categoria se dá pela fragilidade de acesso a essas novas tecnologias que os estudantes apresentam, em decorrência da situação socioeconômica fomentada pelo processo de

globalização e as relações de poder agravadas na pandemia.

Porém a importância que a EJA constitui na transformação social dos atores envolvidos recebe ênfase, onde os professores reconhecem a relevância de introduzir estes estudantes ao meio social, mas de forma que expressem suas necessidades e que sejam atores da comunidade, agindo de forma crítica.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que a mudança social que a EJA pode constituir aos atores envolvidos não é de responsabilidade única dos professores e da escola, é fundamental que o Estado e as políticas públicas sejam reforçadas neste sentido, a fim de que a democratização da educação continue sendo fortalecida. E que possa ainda disponibilizar e incentivar a formação dos profissionais desta modalidade de ensino que requer de uma maior qualificação e especificação.

REFERÊNCIAS

- Baldes, M. A. L. (2021, jan-jun). Os desafios da relação docente-discente em tempos de globalização e pandemia. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades*, 5(1), 537-551. Recuperado de <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/8524>.
- Barbosa, A. M., Viegas, M. A. S. & Batista, R. L. N. F. F. (2020, jul-out). Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. *Revista Augustus*, 25(51), 255-280. Recuperado de <https://revistas.unisiam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565>
- Barros, R. M. R., Ciseski, C. S. B. & Silva, L. S. M. (2018, janeiro). Inclusão digital e educação: emergências do mundo globalizado. *IV Colóquio Luso-Brasileiro de Educação e II Currículo, inclusão e educação escolar*, Braga e Paredes de Coura, Portugal. Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/234150738.pdf>
- Cataia, M. (2020, maio). Civilização na encruzilhada: globalização perversa, desigualdades socioespaciais e pandemia. *Revista Tamoios*, 16(1), 232-245. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/viewFile/50742/33483> . doi: 10.12957/tamoios.2020.50742.
- Cavalcante, A. S. P., Machado, L. D. S., Farias, Q. L. T., Pereira, W. M. G. & Silva, M. R. F. (2020). Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. *Avances en Enfermería*, 38(1supl), 52-60. Recuperado de <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/86229>. doi: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v38n1supl.86229>
- Estêvão, C. V. (2009). Educação, globalização e novas desigualdades, sentidos de escola e profissionalidade docente. *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, Braga, Portugal, X. Recuperado de <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/cc/cc4.pdf>
- Filho, A. A. S., Cassol, A. P. & Amorim, A. (2021, jul-set). Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, 29(112), 718-737. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/?lang=pt> . doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002902293>.
- Gouveia, D. S. M. & Silva, A. M. T. B. (2015, dezembro). A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. *Revista Ensaio*, 17(3), 749-767. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/epec/a/c6HXpsJSv3CYrMcPNrQMY9S/abstract/?lang=pt> . doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172015170310> .
- Moraes, C. M., Araújo, L. F. & Negreiros, F. (2020, jul-set). Educação de Jovens e Adultos e representações sociais: um estudo psicossocial entre estudantes da EJA. *Interações*, 21(3), 529-541. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/inter/a/bFTXmJb5dQ5VsWWRkbjPzwn/?lang=pt> . doi: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i3.2312>.
- Miranda, P. R. & Fonseca, M. C. F. R. (2017). Estudantes do PROEJA e o currículo de Matemática: tensões entre discursos numa proposta de integração. *Educação Matemática Pesquisa*, 19(3), 131-156. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/33024>. doi: <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2017v19i3p131-156>

Moura, A. P. A. & Ventura, J. P. (2018, agosto). A atualidade do pensamento de Paulo Freire para refletirmos sobre políticas públicas e práticas na educação de jovens e adultos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 4(2), 332-350. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/38031> . doi: 10.12957/riae.2018.38031 .

Pinto, M. B. & Silva, K. L. (2019). Promoção da saúde no território: potências e desafios dos projetos locais. *Escola Anna Nery*, 23(1), 1-8. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ean/a/RkNst4QVfJYXjD4Pn7KmDRH/abstract/?lang=pt>. doi: 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0282.

Ramalho, V. & Resende, V. M. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa* (Vol. 1). Campinas: Pontes Editores. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/216743944_Analise_de_discurso_para_a_critica_o_texto_como_material_de_pesquisa.

Vieira, L. & Ricci, M. C. C. (2020, abril). A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. *Observatório do ensino médio em Santa Catarina*. Recuperado de https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL_Let_cia_Vieira_e_Maika_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf.

Xavier, C. F. (2019). História e Historiografia da Educação de Jovens e Adultos no Brasil-Inteligibilidades, Apagamentos, Necessidades, Possibilidades. *Revista Brasileira de História da Educação*, 19, 1-24. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/mZx7pP7TQFrm7vf63TJgkmr/abstract/?lang=pt> . doi: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e068>.

Mariane Barbosa de Araújo

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória (2022). Pós-graduanda em Enfermagem na Saúde Pública com Ênfase em Vigilância em Saúde.

Maria Benegelia Pinto

Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2004), mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2005) e doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Atualmente é Professora da

Universidade Federal de Pernambuco, campus de Vitória de Santo Antão.

Élida Karine Pereira de Lima

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória (2022). Pós-Graduação Lato Sensu em nível de Especialização Enfermagem na Saúde Pública com Ênfase em Vigilância em Saúde (2023). Experiência no setor de Vigilância Epidemiológica Hospitalar.

Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho

Possui Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2004), mestrado em Enfermagem com área de concentração em Saúde Pública pela Universidade Federal da Paraíba (2006) e doutorado em Enfermagem com área de concentração em Educação em saúde pela Universidade Federal de Pernambuco (2023). Atualmente é Professora, Adjunta III, do Núcleo de Enfermagem na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Valesca Patriota de Souza

Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Saúde Humana e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (2013). Especialista em Didática Pedagógica para Educação em Enfermagem (2015). Especialista em Saúde Pública (2013). Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco. Professora Temporária no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UFPE. Professora no Programa de Residência Multiprofissional UFPE.

José Flávio de Lima Castro

Doutor pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de Pernambuco e Universidade Estadual da Paraíba - PAPGENF UPE/UEPB (2018 - 2023). Especialista na modalidade Residência em Enfermagem em Saúde da Mulher no Hospital das Clínicas- UFPE (2008 - 2010). Graduado em Enfermagem pela Fundação de Ensino Superior de Olinda - FUNESO (2002 - 2007). Docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Centro Acadêmico de Vitória (CAV), núcleo de Enfermagem.
